

**Resenha do livro:** CANDAU, Vera (org.). *Didática: questões contemporâneas*. Rio de Janeiro: Forma e ação, 2009.

**Autora:** Kelly Russo, Mestre em Ciências Sociais e Educação (FLACSO-AR), com Especialização em Direitos Humanos e Diversidade Cultural (Unida – AR) e Doutoranda em Educação (PUC-Rio).

Ser professor/a no século XXI significa enfrentar desafios. Ainda maior é o desafio de quem se propõe a *formar* futuros professores: é preciso retomar temas clássicos da sala de aula, sem ignorar questões que ocupam cada vez mais espaço nas discussões educativas. O impacto das novas tecnologias de comunicação e informação; as tensões presentes em alternativas supostamente inclusivas; as disputas curriculares ou a busca por propostas pedagógicas mais coletivas são alguns dos assuntos que o campo da didática vem incluindo com maior cuidado em seu horizonte de preocupações. Também a discussão sobre o reconhecimento das diferenças culturais e as lutas por reconhecimento identitário presentes em nossa sociedade. E esta questão tem recebido, nos últimos anos, a atenção especial de uma das maiores especialistas do campo da didática do país, a professora Vera Candau, quem acaba de organizar a primeira edição de *Didática: questões contemporâneas*, publicado pela editora Forma & Ação, do Rio de Janeiro.

O livro é uma coletânea de artigos resultantes das pesquisas produzidas desde 2006 pelo Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Escola e Cultura(s), coordenado por Vera Candau e vinculado ao Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dividido em dez capítulos, a publicação tem como ponto forte ser fruto de um grupo de pesquisa, o que ocasiona uma sólida e bem-vinda unidade teórica e conceitual que é bem trabalhada pelos diferentes autores. Contudo, ser resultado do trabalho de um grupo de pesquisa também cria desafios: torna-se difícil um maior distanciamento que permita uma organização mais objetiva dos artigos sem criar redundâncias.

Os três primeiros capítulos, por exemplo, apresentam uma importante retrospectiva do próprio campo da didática, mas poderiam ter sido organizados de outra forma para não soar repetitivo. Talvez, reunidos em um único trabalho mais denso e desafiante, envolvendo o leitor nesta análise sobre os diferentes momentos desta trajetória. No primeiro, *Educação e Inclusão Social: Desafios para as Práticas Pedagógicas*, é interessante a revisão que a autora propõe sobre o sentido original dos Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino (Endipes), conectado com um movimento social de educadores preocupados com a reconfiguração da didática em um período de transição democrática. Uma história que supera a atual lógica burocrática que tende a reduzir reflexão acadêmica à pontos em um ranking

curricular e convida a todos para uma reflexão sobre o papel social desses encontros no contexto social do país. O segundo, *Memória(s), Diálogos e Buscas: Aprendendo e Ensinando Didática*, desvela as principais preocupações do campo da didática a partir da memória de alguns de seus especialistas, e desta memória – sempre fragmentada e pontual, que exclui e inclui determinadas preocupações – articula uma visão mais ampla, capaz de discutir projetos e trajetórias deste campo. O terceiro capítulo, intitulado como *Educação Escolar e Cultura(s): Multiculturalismo, Universalismo e Currículo*, também aborda uma perspectiva histórica. Agora parte da experiência vivida pela própria autora (Vera Candau, quem também escreveu os dois primeiros) para apontar a trajetória da didática: “fundamental” em um momento, “multi/intercultural” em outro, ao questionar o currículo e a universalidade dos conteúdos educativos.

O quarto capítulo, *A Didática na Perspectiva Multi/Intercultural em Ação: Construindo uma proposta*, de autoria de Vera Candau e Miriam Leite, é fruto de uma pesquisa anterior, realizada pelo grupo entre 2003 e 2006, mas tem seu lugar nesta coletânea por ser capaz de fazer uma importante ligação entre a primeira parte do livro (mais retrospectiva) com a segunda: a origem das preocupações sobre multiculturalismo dentro do grupo de pesquisa. A escassez de trabalhos teóricos que incluíssem a preocupação sobre as diferenças culturais na prática educativa foi uma delas, assim como o interesse do grupo em relacionar pesquisa-ação como uma estratégia capaz de unir reflexão analítica com propostas concretas para a ressignificação da didática a partir da preocupação multi/intercultural. É apresentada assim, a perspectiva teórica que será base para os demais trabalhos apresentados nesta coletânea.

O quinto capítulo, *Professor/a: profissão de risco?* é provocativo ao refletir os sentidos da própria prática: o que é ensinar? Quem são os nossos alunos? Quais as transformações que as novas tecnologias realmente provocam ao substituir (ou não) o “quadro negro/verde/branco”? Como a perspectiva intercultural pode propiciar não respostas, mas talvez, novas posturas para lidar com esses desafios e riscos presentes no fazer educativo. Claudia Hernandez Barreiros, autora do capítulo seguinte, *Investigar a Ação Docente frente às Diferenças, Operando com a Noção de Jurisprudência Pedagógica*, traz mais densidade a estes desafios. Inclui no campo educativo, a noção de “jurisprudência pedagógica” para discutir o conceito de diferença. Antes de reconhecê-la, é preciso um maior aprofundamento sobre a própria definição. A autora procura perceber entre os professores, suas reflexões sobre diferenças e enumera quinze itens para discutir a didática intercultural. Alerta que esses itens

“não dão conta de tudo”, claro, mas seu esforço de síntese oferece subsídios valiosos para que professores possam se reconhecer (ou não) mais (ou menos) próximos desta perspectiva.

Os quatro capítulos seguintes abordam mais diretamente, algumas das diferenças presentes no cotidiano escolar. No capítulo *Entre a Bola e o MP3 – Novas Tecnologias e Diálogo Intercultural no Cotidiano Escolar Adolescente*, Miriam Leite discute a diferença geracional e aponta algumas reflexões importantes sobre a inserção (e os diferentes usos) das novas tecnologias de informação e comunicação no contexto escolar. Interessante como a autora desconstrói um discurso que aparece de forma recorrente em análises (exageradas) sobre os impactos das novas tecnologias: os adolescentes de hoje não são seres quase cibernéticos, conectados exclusivamente ao mundo digital; cruzam diferentes espaços, tecnológicos ou não e, sugere a autora, a perspectiva intercultural pode construir uma visão menos dicotômica e distanciada entre professores e alunos. O artigo seguinte analisa a experiência de uma escola que opta por reorganizar seu currículo a partir de projetos de investigação. *Trabalhando com Projetos de Investigação: quando a Autonomia do Aluno ganha Destaque*, de Adélia Koff, apresenta dados (ainda iniciais de sua tese de doutorado), sobre algumas tensões e avanços presentes em uma escola que organiza seu currículo a partir da pedagogia de projetos e discute suas possibilidades para uma construção mais coletiva e menos hierarquizada do conhecimento no espaço escolar.

O penúltimo capítulo, *A Questão Étnico-racial na Escola a partir das Teorizações Sociológicas de François Dubet*, é de Luis Fernandes de Oliveira, quem analisa desigualdades sociais, exclusão e relações raciais no escopo escolar a partir das contribuições de Dubet. Sempre impactantes as diferentes formas de configuração do preconceito e da discriminação no dia-a-dia educativo, contudo, ainda mais chamativas são as práticas que procuram silenciar e invisibilizar tais tensões. Algo similar ocorre com outros grupos sociais, inseridos em um amplo e vazio discurso de inclusão, conforme Silvia Pedreira demonstra no último artigo desta coletânea, *Diferentes Olhares sobre o Outro em uma Escola Inclusiva na Perspectiva Intercultural*. A autora finaliza seu artigo e o livro, apontando contradições perigosas em um discurso que visa incluir, mas termina por excluir.

Ao final do livro, o leitor se sente convidado a atuar de forma mais atenta às diferenças culturais que estão presentes no espaço escolar. Repensar a escola passa por resignificar o lugar da didática na educação contemporânea, incluindo neste campo a preocupação por uma didática intercultural. Enfoque importante para uma sociedade marcada pela desigualdade cultural e social. Afinal, como sugere o título do livro, questões contemporâneas discutem o

lugar da didática e assim, parece que a luta pelo reconhecimento identitário vem ocupando também o espaço escolar.